

## **CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR À PROMOÇÃO DO SUCESSO ACADÊMICO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Cynthia Bisinoto, Claisy Marinho(Universidade de Brasília)

Leandro Almeida (Universidade do Minho)

**RESUMO:** A promoção dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano é o eixo orientador da atuação da Psicologia Escolar nos diferentes espaços educativos. Na Educação Superior, contexto ao qual têm sido atribuídas expectativas crescentes quanto ao desenvolvimento social, econômico e cultural das nações, a Psicologia Escolar tem buscado contribuir para uma formação que atenda à necessidade de preparar profissionais competentes e, também, conscientes de seu papel ativo e transformador diante da realidade em que vivem. Um espaço privilegiado de inserção da Psicologia Escolar nas Instituições de Educação Superior tem sido os serviços de apoio psicológico orientados à adaptação acadêmica e sucesso escolar dos estudantes. Com o objetivo de conhecer as atividades desenvolvidas nestes espaços, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com psicólogos e coordenadores de três serviços de uma universidade pública de Portugal. A análise temática das entrevistas apontou que cada serviço orienta-se por objetivos específicos, contudo, todos dirigem suas ações principalmente aos estudantes, sobressaindo as consultas psicológicas individuais. Identificam-se, também, projetos de sensibilização da comunidade às necessidades educativas especiais e de promoção da saúde, além de investigação científica e formação de psicólogos. Salienta-se que a contribuição da Psicologia Escolar na Educação Superior se amplia através de ações preventivas, institucionais e de larga abrangência.

### **Introdução**

A produção do conhecimento e o desenvolvimento da nação baseados na formação cidadã, na qualidade de vida da população, na justiça social e na diminuição das desigualdades são os objetivos atribuídos à Educação em nível superior. A Educação Superior é, simultaneamente, responsável pelo desenvolvimento da ciência, dos profissionais e de cidadãos (Dias Sobrinho, 2005, 2008; Goergen, 2005, 2008; Magalhães, 2004; Severino, 2000).

Conforme ressalta Goergen (2008), as Instituições de Educação Superior (IES) estão “encarregadas de gerar e difundir os conhecimentos e formar profissionais-cidadãos capazes de liderar, nos campos de sua atuação, o processo de transformação social” (p. 811). O sentido da preparação profissional no âmbito da Educação Superior é, então, o de formar profissionais suficientemente competentes, criativos e inventivos que tenham condições de analisar criticamente a engrenagem sócio-econômica, questioná-la e, se julgarem apropriado, tentar transformá-la. Nesse sentido, a função da

Educação Superior não se restringe ao tempo curricular e ao espaço físico da universidade, muito pelo contrário, estende-se ao longo da vida das pessoas e nos diferentes contextos que participam.

Sendo o compromisso fundamental da Educação Superior produzir conhecimento e formar profissionais e cidadãos, ela tem o desafio de equilibrar duas dimensões da formação - a competência técnica e a consciência ética -, de maneira a contribuir para o pleno desenvolvimento dos estudantes, sua preparação para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Coadunando-se com esse compromisso, a Psicologia Escolar tem como objetivo principal a mediação dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento, seja ele individual, coletivo ou institucional.

As intervenções psicológicas que ocorrem no contexto educativo têm como meta contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos e, nesta perspectiva, a noção de sucesso académico que orienta a prática em Psicologia Escolar não mais se sustenta na superação de problemas e dificuldades encontrados no percurso formativo; pelo contrário, pressupõe o incentivo ao desenvolvimento das inúmeras potencialidades dos sujeitos. Mais do que eliminar obstáculos à apropriação do conhecimento científico que resultem em rendimento satisfatório nas avaliações formais de aprendizagem, as IES têm reconhecido a necessidade de favorecer o desenvolvimento de competências variadas que levem as pessoas a terem sucesso na vida, numa ampla perspectiva.

Do ponto de vista da atuação em Psicologia Escolar, trabalhar em prol da promoção do sucesso requer mudanças na ênfase preponderante sobre o indivíduo e suas limitações que, por muito tempo, caracterizou as intervenções da área, pois conforme bem lembra Machado (2000), “não existem causas individuais para os fenómenos da vida, pois eles não são individuais, não são de ninguém. São efeitos que se engendram em uma rede de relações” (p. 146). Assim sendo, o sucesso académico e o insucesso são compreendidos a partir da integração de diferentes fatores - relacionais, institucionais, sociais, políticos e ideológicos -, para além dos aspectos individuais.

Nessa direção, os fatores que contribuem para o sucesso e insucesso académico na Educação Superior foram sistematizados por Alarcão (2000) em quatro dimensões inter-relacionadas: “aluno”, “professor”, “currículo” e “instituição”, as quais são influenciadas pelas ideologias, valores e elementos sócio-culturais vigentes. Martins (2009), por sua vez, realizou um trabalho de análise e síntese dos fatores e dimensões

propostos por autores que também tratam do sucesso académico numa perspectiva multidimensional. A autora constatou que as dimensões “aluno” e “instituição” são comuns a todas as proposições teóricas por ela analisadas. As outras dimensões também presentes são “professor”, “aprendizagem e realização académica”, e “currículo”.

De acordo com Martins (2009), na dimensão “aluno” incluem-se fatores relativos à capacidade de adaptação ao contexto, a base de conhecimentos que o aluno tem, e o bem-estar físico e psicológico. Na dimensão “instituição” estão fatores de organização e gestão de recursos e espaços, e as atividades extracurriculares. A dimensão “professor” envolve fatores relacionados à preparação científica e pedagógica, as atividades de investigação e a valorização profissional. Na dimensão do “processo de aprendizagem e realização académica” incluem-se fatores relacionados ao grau de satisfação com o curso, aos métodos e formas de organização do estudo e ao desenvolvimento vocacional. Por fim, a dimensão “currículo” contempla a flexibilidade curricular, a articulação teórico-prática e a organização dos horários. Note-se que a promoção do sucesso académico advém da relação dialética do sujeito com o contexto no qual está inserido.

Também considerando a multiplicidade de fatores que intervêm no sucesso académico no âmbito da Educação Superior, alguns estudos vêm sendo desenvolvidos com o intuito de melhor compreender a influência de um conjunto de variáveis no percurso académico dos estudantes, como as questões de gênero e da origem sócio-cultural, bem como propor medidas institucionais de promoção do sucesso académico (Almeida, Guisande, Soares, & Saavedra, 2006; Santiago, Tavares, Taveira, Lencastre, & Gonçalves, 2001; Vasconcelos, Almeida, & Monteiro, 2009).

Apesar dos estudos e pesquisas utilizarem o rendimento curricular dos estudantes como indicador para aludir ao sucesso académico, este não é resultado de um processo exclusivamente individual. Pelo contrário, as taxas de reprovação e de abandono, comumente utilizadas para calcular o índice de insucesso académico, precisam ser analisadas à luz do contexto no qual se produzem. Fatores como a flexibilização da organização curricular e sua adequação às necessidades dos estudantes, a diversificação das estratégias didáticas e recursos avaliativos, a qualificação do corpo docente, a existência de serviços de apoio e orientação académica, a disponibilização de espaços e

materiais necessários ao desenvolvimento das atividades académicas, além de oportunidades de financiamento dos estudos, devem ser levados em conta.

Apesar de orientada pelo objetivo comum de contribuir para o sucesso académico dos estudantes, a prática da Psicologia Escolar na Educação Superior tem-se desenvolvido sob diversos modelos, os quais podem ser organizados em dois grupos. De um lado, existem intervenções desencadeadas em diferentes níveis – remediativo, preventivo e de promoção do desenvolvimento - e essencialmente centradas nos estudantes, numa perspectiva clássica de atuação. De outro lado, tem-se propostas mais abrangentes, desenvolvidas com toda a comunidade académica (alunos, professores, funcionários, coordenadores de curso e diretores) e junto a instâncias institucionais menos tradicionais, como a das propostas pedagógicas, assessoria ao trabalho docente, formação continuada de professores e funcionários, auto-avaliação institucional, entre outros. Alguns destes modelos estão brevemente descritos a seguir.

Entre as propostas clássicas do primeiro grupo, Dias (2002, 2006) aponta que as principais funções de um serviço de aconselhamento psicológico na Educação Superior são ajudar e tratar o estudante em sofrimento psicológico e promover seu desenvolvimento pessoal, por meio de oportunidades de explorar os problemas que interferem nos estudos; apoiar o processo educativo e o sucesso académico dos estudantes pelo desenvolvimento vocacional e de competências de estudo e pelo suporte na inserção no mercado de trabalho. Com base nesses objetivos, a autora sugere como frentes de intervenção os programas de transição do Ensino Secundário para o Superior; a realização de *workshops* de desenvolvimento pessoal e de competências académicas, de gestão do tempo e da ansiedade; aconselhamento psicológico e psicoterapia; aconselhamento vocacional; terapia de grupo; aplicação de testes psicológicos; intervenção em crise e encaminhamento, entre outras.

Levando em conta os três níveis de intervenção psicológica (remediativo, preventivo e de promoção do desenvolvimento), Gonçalves e Cruz (1988) apontam três tipos de serviço no apoio psicológico na Educação Superior: remediativos, preventivos e desenvolvimentais. Nos primeiros, englobam-se as atividades de apoio direto aos estudantes com dificuldades, como psicoterapia breve ou prolongada; a disponibilização de linhas telefônicas que assegurem ajuda de urgência para situações graves; e o encaminhamento do estudante para outros serviços da comunidade. Em relação aos

serviços preventivos apontam a criação de programas de desenvolvimento interpessoal com base em uma rede de aconselhamento entre os colegas; recepção e acolhimento aos novos alunos; e orientação vocacional para os alunos que estão prestes a concluir seu curso e a ingressar no mercado de trabalho. Por fim, nos serviços desenvolvimentais os autores citam os programas de desenvolvimento de competências de estudo e resolução de problemas, bem como estratégias diferenciadas frente aos trabalhos e provas escolares; os programas de desenvolvimento das relações sociais, treino de assertividade e desenvolvimento do auto-conhecimento; e os programas de desenvolvimento de competências comportamentais e cognitivas de escolha, planejamento e ação.

No sentido de sistematizar um programa de intervenção psicológica na Educação Superior, Leitão, Paixão, Silva e Miguel (2000) propuseram algumas ações organizadas a partir do cruzamento dos três planos de intervenção – preventivo, remediativo e de investigação – e três momentos vivenciados pelos estudantes: transição do Ensino Básico para o Superior (entrada); frequência na Educação Superior; e transição para o mercado de trabalho (saída). Levando em conta os objetivos específicos de cada plano de intervenção, os autores sugerem ações que podem ser desenvolvidas de acordo com as necessidades mais proeminentes dos estudantes em cada momento do processo de formação. Por exemplo, no plano da intervenção preventiva sugerem, na entrada na Educação Superior, o desenvolvimento de programas de promoção do sucesso acadêmico, de formação de alunos mentores e de sensibilização para questões do ensino e aprendizagem. Ainda neste plano preventivo de intervenção, mas ao nível da frequência, sugerem a divulgação de informações relacionadas com as problemáticas que são mais comuns nos estudantes (*stress*, ansiedade frente às provas, desmotivação); e ao nível da saída para o mercado de trabalho sugerem programas de formação em técnicas de procura de emprego e de incentivo à criação do auto-emprego.

As propostas menos tradicionais de atuação, por sua vez, são assim denominadas por apresentarem uma configuração recente, por estarem menos difundidas e se vincularem a uma concepção mais abrangente do trabalho do psicólogo escolar que leva em conta a dimensão psicossocial do contexto educativo (Martínez, 2009; 2010). As ações sugeridas nestas propostas se estendem para além das dificuldades já identificadas. Nessa direção, Sandoval e Love (1977) sugerem que o trabalho desenvolvido pelo psicólogo escolar na Educação Superior (*college psychologist*) tem

dois focos: o da avaliação, com o objetivo de obter informações sobre aspectos institucionais e docentes que precisam ser modificados; e o da promoção da prática docente por meio do planejamento e desenvolvimento de metodologias diferenciadas. Segundo os autores, a atuação na Educação Superior deve ser menos de assistência direta ao aluno por meio de serviços de orientação pessoal e mais de apoio indireto por meio do aumento da efetividade educacional obtida, especialmente, pelas intervenções com os professores.

Witter (1999), por sua vez, indica como funções do psicólogo escolar a assessoria ao processo de ensino-aprendizagem; participação nos processos de seleção e treinamento do corpo docente e técnico; docência/ensino em Psicologia e em outras áreas do conhecimento; realização de pesquisas de diferentes naturezas; envolvimento com publicação científica em Psicologia Escolar; planejamento, desenvolvimento e avaliação de programas e cursos na área da Psicologia, e outras.

Com base em uma perspectiva preventiva e institucional de atuação em Psicologia Escolar, Marinho-Araújo (2009) propôs três dimensões de intervenção nas Instituições de Educação Superior: (a) Gestão de Políticas, Programas e Processos Educacionais, (b) Propostas Pedagógicas e funcionamento de cursos, e (c) Perfil do estudante. Para cada dimensão a autora sugere um conjunto de ações que podem ser desenvolvidas pelo psicólogo escolar como, por exemplo, no âmbito da primeira dimensão, participar na elaboração e revisão do Plano de Desenvolvimento Institucional, da formação continuada de docentes, coordenadores e funcionários e do processo de auto-avaliação institucional. Em relação à dimensão das Propostas Pedagógicas, sugere colaboração na análise das diretrizes curriculares que orientam o trabalho pedagógico; acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem; análise e revisão dos Projetos Pedagógicos dos cursos. Por fim, na última dimensão a autora sugere que o psicólogo escolar promova discussões acerca do desenvolvimento adulto; desenvolva pesquisas para conhecer o perfil dos estudantes; elabore, com os coordenadores e o corpo docente, estratégias para verificar como ocorre o desenvolvimento de competências por parte dos estudantes.

As propostas que integram os dois grupos de modelos sugeridos na literatura e brevemente descritos acima, mostram que a atuação dos psicólogos escolares na Educação Superior está orientada por uma abordagem individualista de atenção às dificuldades vividas pelos estudantes e, também, por uma perspectiva preventiva e

institucional de atuação no contexto educativo. Nesta direção, as ações da Psicologia Escolar na Educação Superior caracterizam-se por respostas aos problemas cotidianos que precisam ser resolvidos, como por modalidades diferenciadas de trabalho descentradas do problema individual.

Em Portugal, a atuação dos psicólogos escolares já é uma realidade em muitas das instituições do país. A Rede de Serviços de Aconselhamento Psicológico no Ensino Superior (RESAPES) que tem como objetivo constituir uma rede de colaboração e apoio mútuo entre os serviços existentes nas IES de Portugal, divulgou, em 2002, a existência de pelo menos 25 serviços no país. Nestes, os psicólogos desenvolviam atividades de aconselhamento, intervenção em crise, psicoterapia, orientação vocacional, treinamento em métodos de estudo e desenvolvimento de competências de empregabilidade, entre outros (RESAPES, 2002). Este estudo pretende, portanto, investigar o trabalho desenvolvido por psicólogos escolares em uma Instituição de Ensino Superior (IES) portuguesa.

## **Método**

### *Objetivos*

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer a estrutura, funcionamento e as atividades dos serviços de apoio psicológico existentes em uma universidade de Portugal e sua pertinência ao apontado na literatura em Psicologia Escolar.

### *Participantes*

Este estudo se desenvolveu em uma universidade pública de Portugal que tem três unidades de serviços distintos o apoio psicológico aos seus estudantes. Participaram neste estudo dois psicólogos e um coordenador (com formação em Psicologia), tendo havido representação das três unidades de serviços existentes na instituição.

### *Instrumentos*

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os participantes, as quais transcorreram nas instalações dos serviços de apoio psicológico aos alunos.

### *Procedimentos de análise*

A análise das informações se desenvolveu com base no procedimento de apreensão dos sentidos por meio dos núcleos de significação (Aguiar, 2007; Aguiar & Ozella, 2006). O processo de análise culminou com a elaboração de duas dimensões – *Perfil dos Serviços e Atuação dos Psicólogos* -, cada qual composta por categorias que guardam proximidade de conteúdo entre si. A primeira dimensão é composta por categorias relativas à histórica do serviço, seus objetivos orientadores, a composição da equipe, o vínculo dos profissionais com a instituição, o público ao qual se direciona e a forma de acesso ao serviço. A segunda dimensão contempla categorias que identificam as principais atividades realizadas e o modelo de intervenção que orienta tais atividades.

### **Resultados e Discussão**

Os três serviços de apoio psicológico existentes na instituição investigada têm estruturas distintas, recursos físicos e humanos, público-alvo e objetivos independentes. Estão direcionados para grupos específicos de alunos e suas ações estão interconectadas por meio de protocolos de colaboração e projetos desenvolvidos em parceria.

A primeira dimensão de análise - *Perfil dos Serviços* - traz informações sobre a organização e funcionamento destes serviços. A primeira categoria desta dimensão é a do *Histórico dos serviços* e reúne informações acerca da criação dos mesmos e os principais fatores que influenciaram na definição de seus objetivos. A motivação central para a criação de cada um dos serviços está ligada às demandas que eram dirigidas à instituição por grupos específicos de estudantes - alunos bolsistas ou alunos com necessidades educativas especiais - ou ao cumprimento de um objetivo formativo inerente aos estudantes da própria universidade, nomeadamente os alunos de graduação e pós-graduação em Psicologia. Dessa forma, o compromisso de responder às necessidades de um público específico foi um fator imperativo na criação de dois dos serviços de apoio da instituição. O terceiro serviço, entretanto, em virtude de sua afiliação ao Departamento de Psicologia dessa instituição, teve como motivações maiores a necessidade de formar psicólogos ao nível de graduação e pós-graduação, incentivar e desenvolver projetos de pesquisa e prestar serviços de Psicologia à comunidade em geral.



Quanto à categoria *Objetivo dos serviços*, a análise dos dados evidencia que o primeiro serviço tem como meta prestar apoio psicológico aos alunos bolsistas por meio da avaliação e encaminhamento de casos; o segundo serviço busca favorecer a promoção da inclusão no contexto académico e a igualdade de oportunidades aos estudantes com necessidades especiais; e o terceiro serviço tem como objetivos a oferta de serviços de consulta psicológica aos estudantes universitários e à comunidade em geral, a formação graduada e pós-graduada em Psicologia, o desenvolvimento de projetos de investigação em Psicologia, e a colaboração com iniciativas institucionais dirigidas a otimização do processo de ensino-aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes.

Quanto às categorias *Equipe dos serviços* e *Vínculo dos psicólogos com a instituição*, constatou-se que dois serviços contam, apenas, com a atuação de um psicólogo cada, sendo que em um o profissional trabalha somente sete horas semanais e no outro o profissional integra o quadro técnico da instituição. Um dos serviços conta com docentes pertencentes ao quadro da instituição, estudantes em formação e psicólogos colaboradores que prestam algumas horas semanais e recebem um vencimento a partir do número de consultas que fazem.

Os dados acerca dos recursos humanos que compõem os serviços e sua vinculação (ou contrato) institucional são semelhantes a outros serviços da mesma natureza em Portugal. A partir da análise de um conjunto de serviços, a RESAPES (2002) já indicou que é raro haver serviço que tenha mais do que dois técnicos a tempo inteiro, pois, na maioria, somente alguns profissionais pertencem ao quadro da instituição. E também à semelhança de um dos serviços pesquisados, a RESAPES (2002) complementa que nos serviços ligados a uma Faculdade ou Departamento de Psicologia, os docentes comumente desempenham funções de coordenação e supervisão.

Outro aspecto que compõe o perfil dos serviços de apoio psicológico da universidade em análise refere-se ao *público-alvo* para o qual se dirigem as ações. Os três serviços estão essencialmente direcionados para os alunos, tanto aos com necessidades educativas especiais ou economicamente carentes, quanto àqueles que estão em processo de formação graduada e pós-graduada em Psicologia. A comunidade geral também é alvo do serviço afeto ao Departamento de Psicologia. A análise desta

categoria mostra que o modelo centrado no estudante é predominante nos serviços de apoio psicológico da IES, em consonância com propostas de intervenção que têm sido apresentadas para a área (Dias, 2001, 2006; Gonçalves & Cruz, 1988; Leitão & cols, 2000).

Na direção de ampliar o campo de intervenção da Psicologia Escolar, estudos e experiências práticas têm avançado mediante a inclusão de outros agentes que participam do processo de formação e desenvolvimento dos estudantes, especialmente os professores (Facci, 2009; Machado, 2000; Neves, 2001, 2005). A novidade dos serviços de prática da Psicologia Escolar na Educação Superior poderá ajudar a perceber a maior centração dos serviços existentes no trabalho direto com os alunos. No trabalho com professores, a atuação da Psicologia Escolar pode ser a de apresentar, problematizar e discutir a relação desenvolvimento e aprendizagem com vista a auxiliar a reelaboração das práticas dos professores.

No caso do serviço de apoio as estudantes com necessidades educativas especiais, a ampliação do campo de intervenção é mais evidente, haja visto que o serviço não pode responder de forma totalmente satisfatória ao complexo conjunto de necessidades dos alunos (manuseio de equipamentos laboratoriais, formas tradicionais de avaliação ou alguns trabalhos práticos, por exemplo). Estas necessidades, muitas vezes, requerem medidas adaptativas ao nível pedagógico e didático ou de recursos físicos e tecnológicos que ampliem a acessibilidade do aluno e, portanto, extrapolam o campo de ação direto do psicólogo escolar. Nessa direção, o apoio oferecido neste serviço passa pelo atendimento ao próprio estudante e pelo contato com outros serviços e profissionais da universidade.

No que diz respeito ao *Acesso aos serviços*, ele se dá principalmente mediante a iniciativa dos estudantes, estando esta política de acesso assumida pela instituição. A procura de apoio psicológico ocorre, em vários casos, pelo reconhecimento de uma dificuldade, muitas vezes ligada ao rendimento académico. Assim, um psicólogo comenta que os alunos procuram o serviço, especialmente, quando recebem os resultados das avaliações e notam que há uma grande diferença no seu rendimento passado e atual.

A busca por apoio psicológico como decorrência do reconhecimento de uma dificuldade, além de reiterar a importância dos serviços de apoio psicológico para

auxiliar o corpo discente a enfrentar mais satisfatoriamente as questões de ordem cognitiva, emocional, relacional, familiar ou econômica que lhe aflige, sinaliza o caminho adotado pelos serviços para desencadear suas ações. Ou seja, é a partir da existência de uma dificuldade que os psicólogos iniciam suas intervenções. Direcionando-se para práticas mais preventivas e relacionais, o acesso aos serviços poderia ocorrer por iniciativa do aluno, mas em vez de motivado a resolver um problema existente, poderia ser em busca de informações e vivências que enriqueçam sua trajetória, como o envolvimento em programas de voluntariado ou de formação extra-curricular que favoreçam seu desenvolvimento global.

A análise da segunda dimensão - *Atuação do Psicólogo* - possibilita conhecer o trabalho desenvolvido pelos psicólogos escolares em termos das principais atividades realizadas e o modelo de intervenção que orienta sua forma de actuação dominante. A primeira categoria que compõe esta dimensão refere-se ao *Modelo de intervenção* adotado pelos profissionais para desenvolver suas ações. A análise apontou que o modelo remediativo e individual de intervenção - focado no tratamento de um problema vivenciado pelos estudantes - orienta as ações de dois serviços.

Embora centrados nos alunos e, assim, menos abrangentes, os serviços poderiam desenvolver ações coletivas com grupos de alunos de forma a oportunizar a troca de experiência, a identificação de alternativas diferentes na construção de suas trajetórias e o estabelecimento de parcerias. Contudo, esta também não tem sido uma opção nos serviços, apesar de reconhecerem que, para algumas das problemáticas, seria mais produtivo o trabalho de grupo. Trata-se de uma resposta de cariz imediato e face ao problema que traz o aluno ao serviço. Não existe uma preocupação desenvolvimental, antes a tentativa de superação imediata da dificuldade.

Diferentemente, no serviço orientado à inclusão dos alunos com necessidades especiais, as ações adquirem um contorno preventivo (orientado para a sensibilização da comunidade académica em torno das características, particularidades e potencialidades das pessoas com necessidades especiais) e mais abrangente que ultrapassam a intervenção direta com o aluno. Aqui o psicólogo trabalha em um modelo sistêmico, pois atua por várias frentes: com os pais quando é necessário, com os professores e com os funcionários também.

Como um desdobramento do modelo de intervenção, de caráter remediativo e individual ou preventivo e sistêmico, na categoria relativa às *Atividades desenvolvidas* pelos psicólogos identificam-se ações diretas com os alunos e ações com outros atores e instâncias institucionais. No serviço de apoio aos estudantes bolsistas, duas atividades são centrais: a avaliação das necessidades dos alunos para verificar se precisam efetivamente do apoio psicológico e uma caracterização do aluno para complementar ao processo de candidatura de bolsa.

No serviço dirigido aos alunos com necessidades especiais, consoante ao modelo preventivo e sistêmico de intervenção, as atividades adquirem maior diversidade: atendimento aos estudantes; orientação e suporte aos professores e diretores de curso; contato com os serviços da universidade para a implementação das alterações pedagógicas, físicas e tecnológicas necessárias; formação para docentes; iniciativas de sensibilização como *workshops* para a comunidade interna e externa.

No serviço dirigido à formação de psicólogos, a consulta individual é a principal modalidade de intervenção oferecida à comunidade interna e externa e, também, a estratégia pedagógica priorizada para o desenvolvimento de competências nos psicólogos em formação. No seio das consultas psicológicas se desenvolvem os projetos de investigação acerca dos processos nelas envolvidos e de práticas que ampliem sua eficácia.

Pouco baseadas em uma perspectiva preventiva, as atividades que são desenvolvidas por dois dos três serviços de apoio centram-se nos sujeitos individuais - os alunos - e priorizam ações diretas com eles. Modificar esta ênfase requer uma mudança de paradigma, pois, conforme explicita Guzzo (2001, 2003), o desenvolvimento de práticas preventivas implica alterar a ótica sob a qual o desenvolvimento humano tem sido compreendido, ou seja, é preciso modificar a ênfase do fracasso para o sucesso, do distúrbio, das dificuldades, das doenças e dos problemas para a saúde, as competências e a qualidade de vida.

### **Conclusão**

A inserção da Psicologia Escolar na Educação Superior, em Portugal, já é uma realidade em muitas das IES do país. Desde a criação do primeiro gabinete de apoio psicológico, em 1983 (Dias, 2006), muitos outros surgiram, contribuindo para que a

Educação Superior se constitua como um espaço legítimo de intervenção e pesquisa para a Psicologia Escolar. Para além da criação de novos serviços em instituições que ainda não o têm, a expansão destes serviços tem ocorrido, também, numa perspectiva intra-institucional, como é o caso da universidade em que ocorreu este estudo que tem à disposição da comunidade académica três serviços de apoio psicológico. Em conjunto, estes serviços comprometem-se com ações que favoreçam a resolução dos problemas de adaptação académica dos alunos e potencializem o processo de aprendizagem e de desenvolvimento dos estudantes.

De forma geral, o trabalho desenvolvido nestes serviços privilegia o acompanhamento e atendimento imediato a problemas vivenciados pelos estudantes, numa perspectiva de intervenção breve. Levando em conta três níveis de intervenção e as dificuldades específicas que os estudantes vivenciam ao longo do percurso formativo, desenvolvem ações diversificadas com os estudantes, como a avaliação e consulta psicológica e programas de sensibilização. Todavia, os demais fatores apontados como intervenientes na promoção do sucesso académico, como aqueles relativos à estrutura curricular, às estratégias de ensino e de avaliação, à qualidade das relações no espaço universitário não têm sido alvo de intervenção. Esta constatação suscita a necessidade de outras investigações que busquem entender as razões por esta ênfase.

Apesar do poder de ação da instituição ser ampliado à medida que os serviços somam esforços, ainda existem áreas carentes de intervenção, particularmente aquelas ligadas à gestão institucional, aos projetos pedagógicos dos cursos, à formação continuada de docentes e de técnicos, ou à avaliação e desenvolvimento institucional. A fim de ampliar o poder de ação destes serviços e, sobretudo, a contribuição da Psicologia Escolar para a promoção do sucesso académico, a definição conjunta e de metas, estratégias, prioridades e recursos, especialmente ancorados numa perspectiva preventiva de atuação, poderia levar a uma atuação mais abrangente. Refletir, discutir e investir sobre a construção de práticas preventivas em Psicologia Escolar é um compromisso que a área deve renovar continuamente, especialmente na Educação Superior, contexto comprometido com a produção de novas idéias, ações e modelos.

Como campo de intervenção e pesquisa, a Educação Superior traz muitos desafios e possibilidades à Psicologia Escolar. Repleto de particularidades e de dinâmica própria, este nível educativo carece de investigações que venham a subsidiar a

prática profissional dos psicólogos escolares e, assim, favorecer o desenvolvimento de ações efetivamente comprometidas com a promoção do sucesso acadêmico e da formação pessoal e profissional de cidadãos.

## Referências bibliográficas

- Aguiar, W. M. J. & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26, 222-245.
- Aguiar, W. M. J. (2007). A pesquisa em Psicologia sócio-histórica: Contribuições para o debate metodológico. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.), *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia* (pp. 129-140). São Paulo: Cortez Editora.
- Alarcão, I. (2000). Para uma conceptualização dos fenómenos de insucesso/sucesso escolares no Ensino Superior. In J. Tavares & R. A. Santiago (Orgs.), *Ensino Superior: (in)sucesso académico* (pp. 11-24). Portugal: Porto Editora.
- Almeida, L. S., Guisande, M. A., Soares, A. P. & Saavedra, L. (2006). Rendimento académico no Ensino Superior: Estudo com alunos do 1º ano. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 19(3), 507-514.
- Dias Sobrinho, J. (2005). Educação Superior, globalização e democratização. Qual universidade? *Revista Brasileira de Educação*, 28, 164-173.
- Dias Sobrinho, J. (2008). Avaliação educativa: Produção de sentidos com valor de formação. *Avaliação*, 13, 193-207.
- Dias, G. F. (2001). Serviços de aconselhamento psicológico no Ensino Superior: Uma encruzilhada de questões. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 59-67.
- Dias, G. F. (2006). *Apoio Psicológico a jovens do Ensino Superior: Métodos, técnicas e experiências*. Portugal: Edições Asa.
- Facci, M. G. D. (2009). A intervenção do psicólogo na formação de professores: Contribuições da Psicologia histórico-cultural. In C. M. Marinho-Araújo (Org.), *Psicologia Escolar: Novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática* (pp. 107-132). Campinas: Editora Alínea.
- Goergen, P. (2005). Prefácio. In J. Dias Sobrinho. *Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado. Sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?* (pp. 11-19). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Goergen, P. (2008). Educação Superior entre formação e performance. *Avaliação*, 13, 809-815.
- Gonçalves, O. & Cruz, J. F. (1988). A organização e implementação de serviços universitários de consulta psicológica e desenvolvimento humano. *Revista Portuguesa de Educação*, 1(1), 127-145.
- Guzzo, R. L. S. (2001). Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a Psicologia Escolar. In Z. A. P. Del Prette (Org.), *Psicologia Escolar e Educacional: saúde e qualidade de vida* (pp. 25-42). Campinas: Editora Alínea.

- Guzzo, R. S. L. (2003). Educação para a liberdade, Psicologia da libertação e Psicologia Escolar: Uma práxis para a liberdade. In S. F. C. de Almeida (Org.), *Psicologia Escolar: Ética e competências na formação e atuação profissional* (pp. 169-178). Campinas, SP: Editora Alínea.
- Leitão, L. M.; Paixão, M. P.; Silva, J. T. & Miguel, J. P. (2000). Apoio psicossocial a estudantes do Ensino Superior. Do modelo teórico aos níveis de intervenção. *Psicologia*, 14(2), 123-147.
- Machado, A. M. (2000). As crianças excluídas da escola: Um alerta para a Psicologia. In A. M. Machado & M. Proença (Orgs.), *Psicologia Escolar: Em busca de novos rumos* (pp. 39-54). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Magalhães, A. M. (2004). *A identidade do Ensino Superior. Política, conhecimento e educação numa época de transição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Marinho-Araújo, C. M. (2009). Psicologia Escolar na Educação Superior: Novos cenários de intervenção e pesquisa. In C. M. Marinho-Araújo (Org.), *Psicologia Escolar: Novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática* (pp. 155-202). Campinas: Alínea.
- Martínez, A. M. (2009). Psicologia Escolar e Educacional: Compromissos com a educação brasileira. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 169-177.
- Martínez, A. M. (2010). O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em Aberto*, 23(83), 39-56.
- Martins, E. F. (2009). *Sucesso académico: Contributos do desenvolvimento cognitivo*. Portugal: Editorial Novembro.
- Neves, M. M. B. J. (2001). *A Atuação da Psicologia nas Equipes de Atendimento Psicopedagógico da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília.
- Neves, M. M. B. J. (2005). Por uma Psicologia Escolar inclusiva. In A. M. Machado, A. J. Veiga Neto, M. M. da J. Neves, M. V. de O. Silva, R. G. Prieto, W. Ranña & E. Abenhain. *Psicologia e Direitos Humanos. Educação inclusiva – Direitos Humanos na escola* (pp. 107-124). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RESAPES. (2002). *A situação dos Serviços de aconselhamento Psicológico no Ensino Superior em Portugal, Ano de 2002*. Portugal: RESAPES.
- Sandoval, J. & Love, J. A. (1977). School Psychology in Higher Education: The College Psychologist. *Professional Psychology*, 8, 328-339.
- Santiago, R. A., Tavares, J., Taveira, M. C., Lencastre, L. & Gonçalves, F. (2001). Promover o sucesso académico através da avaliação e intervenção na universidade. *Avaliação*, 6(3), 31-43.
- Severino, A. J. (2000). Educação, trabalho e cidadania: A educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2), 65-71.
- Vasconcelos, R. M. Almeida, L. S. & Monteiro, S. (2009). O insucesso e abandono académico na universidade: Uma análise sobre os cursos de Engenharia. In VI *International Conference on Engineering and Computer Education* (pp. 457-461). Argentina: ICECE.
- Witter, G. P. (1999). Psicólogo Escolar no ensino superior e a Lei de Diretrizes e Bases. In R. S. L. Guzzo (Org.), *Psicologia Escolar: LDB e educação hoje* (pp. 83-104). Campinas: Editora Alínea.